

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Notícias de família: relações familiares e sociabilidades nas cartas da Baronesa

Carla Rodrigues Gastaud *

A correspondência era uma prática corriqueira e freqüente no final do século XIX e início do XX, período em que foram escritas as cartas que são o objeto desse estudo. Escrevia-se muito e bem. Havia formas e fórmulas esperadas para essa maneira de expressar-se: aprendia-se a escrever cartas adequadamente e pretendia-se que fossem interessantes. O Museu da Baronesa, Pelotas, RS – que foi a morada de três gerações da família Antunes Maciel entre 1863 e 1970 – tem em seu acervo um conjunto de 230 cartas endereçadas a D. Sinhá, filha da Baronesa que dá nome ao museu, cartas que ficaram na casa quando a família se retirou e que foram enviadas de vários lugares, como Rio de Janeiro, Londres, Pelotas, Paris, Curitiba e Milão, entre 1885 e 1928, pela mãe de D. Sinhá, a Baronesa Amélia, e por dois de seus filhos. Este artigo trata das relações familiares e dos vínculos sociais, de aspectos da intimidade e do privado nas cartas escritas por Amélia à sua filha Sinhá.

Nas palavras de Maria Tereza Santos Cunha, “a carta como uma prática de escrita, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe”¹. Nas cartas da Baronesa à sua “*Bôa e querida Filha*”, pode-se entrever a filha e os modos como essas mulheres organizavam suas vidas e famílias, suas ocupações e lazeres, suas preocupações e trabalhos.

Antes da popularização do telefone e de outras tecnologias que modificaram os tempos e modos da comunicação interpessoal, as cartas ocupavam um papel importante na vida social e familiar. A cotidianidade da prática da correspondência não diminuía sua importância, ao contrário, escrever – e também guardar, mostrar, copiar, rasgar, lacrar, perfumar, esconder, devolver - enviar e receber cartas era um aspecto fundamental das sociabilidades no período em que a Baronesa Amélia escreveu as cartas que hoje estão guardadas no Museu da Baronesa.

Cartas pessoais – de mãe para filha - vestígios de outra era, essas cartas trazem

* Professora do CEFET-RS
Doutoranda do PPG Educação da UFRGS
1 Cunha, p. 1.

“práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de representações de época”. Na correspondência, interessa aos historiadores “a evolução desta prática, dos usos, maneiras e modos de escrever, dos contextos em que se escreve” e também “os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever, além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem”², esses documentos “cumprem um papel na construção cultural da sociedade” e, tomados em seu contexto, “dão acesso a visões contemporâneas daquele mundo”³.

Amélia, o justificar-se por estender a carta em temas prosaicos que, para nós, constituem seu encanto e riqueza, escreve; “*com certeza estarás dizendo, que estas minunciosidades não vale a pena dizer por carta; mas que queres: quando te escrevo me parece estar conversando contigo, e por isso, não tenho vontade de parar!*”, entretanto, essas minúcias “guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço”⁴.

As cartas da baronesa Amélia à sua “bôa e querida filha” Sinhá e ao genro Lourival resistiram ao tempo e ao acaso. Escritas entre o final do século XIX e o início do século XX, distribuem-se irregularmente ao longo desse tempo e não se pode determinar que fatores influíram para que sobrevivessem umas ao invés de outras, nenhuma ordem pode ser estabelecida. Provavelmente, o acaso interferiu na preservação da parcela das cartas que existe até hoje (e na destruição ou na perda de outras), e é possível que o zelo de um descendente tenha excluído alguma carta considerada inadequada.

No conjunto das missivas percebe-se que em alguns anos não há nenhuma carta, o que não quer dizer que não tenham sido escritas, ao contrário, as correspondentes parecem ser muito assíduas: em 17 de Abril de 1899, escrevendo em Paquetá, a Baronesa iniciou a carta dizendo ter presentes, à sua frente, as “*cartinhas de 26 do passado, e 1º do actual, a que respondo, fazendo vótos pela bôa saude, de todos vocês. A tua carta de 15, já foi respondida, e é provável, que n’esta dacta, esteja em teu poder, e por tanto tu sciente de ter eu recebido de Leonel, a importancia do arrendamento*”. Ainda em Abril, no dia 24, desta feita no Rio de Janeiro, escreveu a Baronesa: “*Tenho 3 cartas tuas a responder, sendo a primeira de 5, e as outras recebidas hontem à noite do Paulino, recebi de 16 e 17 do actual*”.

Essa enumeração das cartas recebidas, respondidas ou a responder, além de mostrar a preocupação com a confiabilidade dos serviços do correio também pode significar a atenção em responder a todas as cartas. É regra básica do correspondente não deixar carta sem

2Id. Ibid.

3 BURKE, 2004: 234

4 IONTA, 2004, p.96.

resposta. Receber cartas implica na obrigação de respondê-las.

A Baronesa Amélia escreveu belas cartas conseqüência, certamente, da formação que recebera. Essencial para uma pessoa ser reconhecida como polida, bem criada e educada, a comunicação epistolar era objeto de intenso cuidado. Em seu Código do Bom-tom, o Cônego J. I. Roquette afirma “Depois das visitas e da conversação, o laço social mais extenso e variado é a comunicação epistolar”⁵. Por essa razão, o Cônego incluiu em seu livro um longo capítulo sobre as cartas, ocupando-se de todos os aspectos - o papel, a caligrafia, a composição – sugerindo, ainda, variados modelos para esse tipo de escrita. As cartas devem ser claramente escritas, com boa letra e sem erros de ortografia ou gramática.

Essa preocupação está presente quando a Baronesa termina uma carta dizendo à filha “*um milhão de beijos da Mãe e Am^a. Verd^a.*”⁶, e acrescenta o alerta “*não me animei a passar esta a limpo, portanto adivinha o que não entenderes*”⁷ ou, em outra carta, “*não sei se entenderás estes garranchos, mas adivinha-os!*”⁸ Mesmo nas ocasiões em que a missivista se desculpa pelos “garranchos” ou pela “barafunda” de assuntos, não se vê em suas cartas nem uma coisa, nem outra. Ao desculpar-se, entretanto, a Baronesa atende à recomendação de J. I. Roquette,

*“lembrar-vos-ei somente que se por acaso vos cair algum borrão, por pequeno que seja, ou nódoa, ou se fordes obrigados a riscar alguma frase para substituir outra mais correta, ou se houve omissão de alguma palavra que seja mister pôr em entrelinha, deveis fazer outra carta, a não ser para algum amigo íntimo e estardes com pressa, mas sempre lhe pedireis desculpa.”*⁹

Um tema sempre presente nas cartas, os serviços do Correio são uma preocupação permanente. Por exemplo, a Baronesa recomenda à filha que, para aumentar as chances de as cartas chegarem a seu destino escreva em papel fino, não faça cartas pesadas para que os envelopes grossos não despertem a curiosidade do agente dos correios

*Vejo o que me dizes, sobre a demora de minhas cartas, o que justamente tem acontecido com as tuas, pois a ultima que recebi, antes d’esta, foi de 3 de Maio! (...) Nas cartas que citas, não está a minha de 4. Evaporar-se-hia? Além d’essas, escrevi-te também a 15, 20, e 26, (mais ou menos) do passado, que já devem estar em teu poder, si não seguiram outro rumo, no caminho, fazendo o mesmo que, as que me dizes ter escripto! Como andam estas nossas repartições, em completa anarchia! Procura escrever em papel fino, para não avolumar as cartas, a vêr si não desafiam a curiosidade dos carteiros*¹⁰.

5 ROQUETTE. 1997: 266.

6 Carta do Rio de Janeiro de 24 de Agosto de 1899. Acervo do Museu da Baronesa.

7 Carta do Rio de Janeiro de 24 de Agosto de 1899. Acervo do Museu da Baronesa.

8 Carta do Rio de Janeiro de 12 de Outubro de 1909. Acervo do Museu da Baronesa.

9 Roquette, 1997: 269.

10 Carta do Rio de Janeiro de 8 de Junho de 1909. Acervo do Museu da Baronesa.

Ela mesma, geralmente, utilizava papel branco, de boa qualidade, fino e sem adornos. Algumas exceções despertam atenção: algumas vezes o papel traz no cabeçalho o nome de um hotel, umas poucas vezes uma pequena estampa floral enfeitada com delicadeza a página, e, em outras vezes, para os períodos de luto, a folha é tarjada de negro. A baronesa faz o que fazem “com razão muitas pessoas distintas”, prefere a simplicidade e “faz uso de ótimo papel mas sem ornato algum”. Como adverte J. I. Roquette¹¹, “o papel deve ser proporcionado às pessoas, idade, sexo e condição dos correspondentes”, cartas “em papel grosso, em meia folha, só para os criados de escada abaixo, e para o vulgo”.

Distantes, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, mãe e filha mantêm um fluxo constante de cartas e fotografias, embrulhos de docinhos e lingüiças, incumbências de pagar uma visita ou de enfeitar um túmulo, encomendas de costuras e de papel de parede. Pacotes, cartas, bilhetes e recados viajam na bagagem de amigos e parentes além de pelos serviços do Correio. O volume e a qualidade do que é enviado difere conforme a confiabilidade e a intimidade do portador, diz a Baronesa: “*a encommenda para Isabel, é que é mais difficil remmeter; pois não se póde confiar agora no Correio nem tenho conhecidos, a quem póssa pedir para levar*”¹².

Em 1909, às vésperas da reforma que transferiu a Repartição Postal para o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, queixava-se a Baronesa:

*“resolvi telegraphar hoje a Lourival, porque as cartas custam muito a chegar, e o Correio de proposito, as faz demorar em represalia a não ter havido ainda, a decantada refórma do mesmo. Ainda não recebi a que elle dizia no telegramma, escrever-me.”*¹³

As cartas e as incumbências circulam na família. Solicita a mãe que a “*Bôa Filha*” repasse às irmãs as notícias e algumas vezes as cartas, explica-se “*diz a Alzira que não pude escrever-lhe hoje*”, pois “uma correspondência familiar é escrita para o grupo ou subgrupo; ela circula, delimita seu território, modula as confidências, exclui o íntimo”¹⁴. A Baronesa, morando na capital, tem sempre tarefas a cumprir e compras a realizar para a família distante. Os malões sobem a costa nos vapores transportando cocadas e farinha de mandioca, goiabadas e geléias, bordados e costuras que a Baronesa agradece com entusiasmo. Os malões voltam trazendo latas de biscoito, vasos e tabaco ou coisas ainda mais inesperadas

Com a encommenda [o presente de casamento] p^a. o Podinho, vão uns novellos de linha para coser meias, que pensava já te ter mandado á mt^o., mas que fui encontrar agora, em uma mala. Talvez te prestem serviço, porque mt^os. vezes não

11 Roquette, 1997: 270.

12 Carta do Rio de Janeiro de 9 de Agosto de 1909. Acervo do Museu da Baronesa.

13 Carta do Rio de Janeiro de 11 de Maio de 1909. Acervo do Museu da Baronesa.

14 PERROT, 1992: 188.

se encontra ahi, essas côres. Vai uma latinha de biscoutos de chocolate, para repartires com a creançada, pois infelizmente nada lhes pôsso mandar, de tanta cousa bôa que aqui há. Vão temberg uns caramêlos, (o cartucho vai abérto, porque já o tinha, e na occasião de arrumar a caixa, lembrei-me de mandar mesmo assim ao Lourival, que está sempre com pigarro.) Não lhe dês no cartucho, despeja em uma bomboniêre, e leva-lhe. Remetto, igualmente uma roupinha para o Delmar, que apesar de ser mt^o. commum, achei bonitinha: não sei porem, si lhe servirá. Os sapatinhos, são para Dea, que no progrêso em que vai, é capaz de vir já caminhando. [...]

N.B. Para encher os espaços vãos da caixa que vai botei um collête vêlho que poderas dar a alguma das creadas ahi.¹⁵

Há todo um cerimonial epistolar nessas cartas: no terço superior da primeira folha indicam o lugar e a data em que foram escritas e iniciam invariavelmente por combinações com a palavra Filha: “Minha muito querida Filha”, “Querida Filha” ou “Minha bôa e querida Filha”. No corpo das cartas repetem-se explicações pela demora nas respostas ou, ao contrário, o arrolamento das cartas recebidas e respondidas. As cartas enviadas que não chegaram ao destinatário provavelmente “*envelhecem no correio*”, argumenta. Por sua vez, a Baronesa angustia-se com eventuais atrasos na chegada de cartas: por que o silêncio? Qual a razão para a falta de cartas? Estarão todos bem de saúde? Chegando a telegrafar para confirmar se todos passam bem, embora um telegrama pudesse provocar um grande susto em quem o recebesse o que ela, a todo o custo, desejaria evitar. As cartas também terminam com uma fórmula repetitiva, em sucessivas variações de muitos beijos e abraços, muitas saudades “*da Mãe e Amiga certa*”, “*da Mãe muito amiga*”, “*da Mãe e Amiga do Coração*” ou “*da Mãe e Amiga Verdadeira*” – e coloca seu “nome de pia”, Amélia, como deve ser feito entre parentes chegados¹⁶. A efusão das expressões, o uso de muitas abreviaturas, a linguagem e a simplicidade coloquial do texto também estão de acordo com o que J. I. Roquette¹⁷ considera adequado para cartas trocadas entre pessoas íntimas e familiares, e somente para essas.

Outros assuntos ocupam muitas linhas das cartas: os queridos netinhos, as doenças e os tratamentos, os médicos e os remédios, as mortes de conhecidos e de parentes, o dinheiro e a insuficiência de dinheiro, as compras e encomendas. A saúde, ou a falta dela, era um tema predominante na correspondência, “afinal as doenças eram comuns e os médicos pouco eficientes”¹⁸. A Baronesa descreve seus males, “em laivos de uma autobiografia médica”¹⁹: dói-lhe a perna, incomodam-lhe os olhos, o estômago a aflige, em algumas ocasiões relata moléstias e incômodos (próprias ou alheias) com detalhes clínicos, mas o faz com resignação.

As mortes sucedem-se entre os familiares mais próximos, para falar apenas nas

15 Carta do Rio de Janeiro de Rio de 13 de Setembro de 1909. Acervo do Museu da Baronesa.

16 Roquete, 1997: 277

17 Roquette, 1997: 266 a 279.

18 Gay, 1999: 354.

19 Id. Ibid.

filhas: Dulce morre de parto e o bebê não sobrevive; Dalva, a filhinha menor de D. Sinhá morre inesperadamente de uma doença que não parecia grave; o bebê de Bonéca sobrevive apenas por uns poucos minutos após o nascimento e a mãe tem uma crise *hystérica*. Talu opera um tumor no nariz (mas recupera-se), os netos têm coqueluche, sarampo, bronquite, D. Sinhá sofre com nevralgias, cólicas, “*perdas*”.

A Baronesa desdobra-se em pedidos e argumentações para que a filha se poupe, para que não se canse nem em festas, nem nas lidas da criançada, nem a fazer doces para enviar-lhe. As doenças assustam, proteger-se do frio ou da possibilidade de contágio, evitar o cansaço excessivo e as tribulações, buscar médicos e experimentar medicamentos são recomendações freqüentes. Parece haver razão para a preocupação: das quatorze gestações da Baronesa, sete filhos sobreviveram à infância e dos doze filhos de D. Sinhá, seis.

A preocupação com a saúde e a resignação com a doença e com a morte, presentes nos relatos, são indícios da fragilidade dos recursos médicos disponíveis, que resultam na alta mortalidade entre os filhos das correspondentes.

A resignação que a Baronesa mostra em relação a seus males estende-se às narrativas das mortes e funerais, ela soa triste, mas resignada e conta à filha que encontra consolo na religião que ambas compartilham. “*A nossa fé é que me dá forças*”, diz ela. A Baronesa era espírita e em algumas cartas solicita a D. Sinhá que lhe envie algumas revistas espíritas (“*aqui no Rio não se acha!*”), pede também os livros espíritas que estão “*na terceira prateleira do armário da sala de costura*”.

As cento e quarenta e nove cartas escritas ao longo de três décadas pela Baronesa Amélia à sua Bôa e querida Filha, Sinhá, são indícios de outros tempos, de hábitos, de práticas e de valores partilhados. Alguns desses valores, hábitos e práticas dizem respeito à própria escrita epistolar: relacionar-se por carta, escrever bem, não deixar carta sem resposta.

Outros, como as formas das sociabilidades, os deveres de consideração para com pares e familiares, e a obrigação de assistência aos criados da casa, aos necessitados e aos pobres, aparecem sob a forma de comentários e condutas solicitadas ou relatadas. A contrapartida disso parece ser a convicção do lugar que a missivista e a família ocupam no mundo e do prestígio e consideração que lhes são devidos.

Algumas regularidades podem ser percebidas nas cartas, entre elas, o tratamento que a mãe reserva à filha correspondente, semelhante em todas as cartas, chamando-a afetuosamente de boa e querida, sem jamais nomeá-la. As notícias da família que, como seria de se esperar nesse tipo de correspondência, são o assunto principal – os nascimentos, as dentições, os passinhos iniciais, os colégios, as artes, os casamentos, os trabalhos, as

profissões, a saúde, os negócios. As doenças recebem consideração particular, na quase totalidade das cartas a Baronesa pergunta a respeito da saúde das pessoas distantes e informa à filha sobre as condições de sua própria saúde e sobre como têm passado os parentes e conhecidos. Os comentários sobre as notícias nacionais e internacionais são esparsos, os segundos ainda mais raros do que os primeiros. Eventualmente, as eleições presidenciais de 1909 são assunto para alguns parágrafos, mas a Primeira Guerra Mundial, não.

Diários, biografias, fotografias e cartas de escritores, de políticos e de famosos são alvo da atenção de historiadores e do público há bastante tempo, os estudos sobre as escritas das pessoas comuns são mais recentes. As cartas da Baronesa, correspondência familiar, escrita ordinária de uma mulher do século XIX, preservadas no Museu da Baronesa, são versões e vestígios de experiências, de relações, de pensamentos e sentimentos. As possibilidades que as cartas da Baronesa oferecem não se esgotam nesse trabalho. Para além do encantamento e da emoção que as cartas provocam elas proporcionam um acesso a “visões contemporâneas daquele mundo”²⁰ a serem ainda exploradas.

As cartas da Baronesa Amélia permanecem em grande parte inexploradas. As maneiras como a Baronesa e as filhas organizavam suas vidas e famílias, seus lazeres e obrigações, seus trabalhos e ocupações, podem ser encontrados nas cartas. Esses documentos, por parciais e fragmentados que sejam os indícios, constituem uma possibilidade ímpar de acesso a alguns desses temas.

Bibliografia.

- BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem Bauru: SP: EDUSC, 2004.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. A escrita epistolar e a História da educação. Disponível em <http://www.anped.org.br/25/posteres/mariateresasantoscunhap02.rtf>, acesso em 14/06/2006,
- GAY, Peter. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: O coração desvelado. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- IONTA, Marilda Aparecida. As Cores da Amizade na Escrita Epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do IFCH da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/2004
- PERROT, Michele. A vida em família. In: PERROT, M. (Org.). História da vida privada, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- ROQUETTE, JI, Código do Bom-Tom, ou Regras da civilidade e do Bem viver no século

20 Burke, Peter. 2004: 234

XIX. Organizado por Lilia Moritz Shwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
SANTOS CUNHA, Maria Teresa. A Escrita Epistolar e a História da Educação. ANPED
<http://www.anped.org.br/25/posteres/mariateresasantoscunhap02.rtf> disponível em
14/06/2006